FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE QUÍMICA NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA INCLUSÃO NA ESCOLA BÁSICA

Daniela Gonçalves de Abreu Favacho[1]

Heloísa Canato Affonso[2]

INTRODUÇÃO

A formação de professores para lidar com a diversidade é um passo importante para alcançarmos uma sociedade inclusiva. O estágio possibilita que o licenciando tenha um contato direto com seu futuro campo de atuação profissional, e com isso, possa perceber os desafios da profissão. Em relação a formação do professor de química, Vilela-Ribeiro e Benite (2010) destacam que o professor de química, assim como outros, *"deve estar preparado para lidar com as diferenças dos alunos em sala de aula, inclusive com aqueles com necessidades educativas especiais"* (p. 587). Geralmente, os professores em exercício expressam dificuldade em lidar com a questão da inclusão, alegando falta de formação, de recursos materiais, entre outros (FAVACHO, CUNHA E ANDRADE, 2019). Outra situação comum nas escolas é o fato de professores apoiarem-se na pessoa do profissional da sala de recursos que, apesar de fazer um trabalho muito importante, tem função específica e, infelizmente, nem sempre consegue suprir todas as necessidades dos alunos e dos professores.

Segundo dados do censo escolar, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), de 2014 a 2018, o número de matrículas de estudantes com necessidades especiais cresceu 33,2% em todo o país. No entanto, a inclusão muitas vezes restringe-se à socialização, sem garantia de aprendizagem dos conteúdos.

Neste artigo, compartilharemos e discutiremos as atividades desenvolvidas na disciplina Química para o Ensino Médio II (QEM II),

[1] Profa. Dra. do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Email: danielaga@ffclrp.usp.br.
[2] Graduanda em Licenciatura em Química, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Email: helocanato@usp.br.

oferecida no Curso de Licenciatura em Química da FFCLRP/USP, no 1o e semestre de 2019. Esta disciplina possui 100h de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) em escolas de educação básica. O ECS foi organizado numa perspectiva inclusiva e os licenciandos em química deveriam preferencialmente, realizar regências de químicas em salas de aulas com alunos com deficiências matriculados. O principal objetivo foi fazer o licenciando perceber que todos os alunos são diferentes entre si, independente de considerar deficiências ou não, e isto precisa ser levado em conta nos planejamentos e regências. Quando o foco das discussões considera apenas conteúdos e metodologia, as aulas planejadas e realizadas são para as turmas. Uma turma é um conjunto de indivíduos com as mais variadas características, mas que a princípio "não tem rosto". Para planejar primeiro é preciso conhecer o público e quando se tem alunos com alguma deficiência ou dificuldade, é preciso pesquisar metodologias consideradas eficientes para as individualidades, entre outras ações. Incluir é muito mais que simplesmente adaptar recursos didáticos. É necessário que formemos professores que considerem, por exemplo, que não tem 29 alunos típicos e 1 "aluno de inclusão" (quando há alguma deficiência), mas sim que tem 30 alunos, nos quais deve pensar.

Os estágios foram realizados preferencialmente em salas de aulas regulares em escolas estaduais contendo alunos com necessidades especiais matriculados. Os relatórios produzidos pelos licenciandos foram analisados visando identificar as contribuições formativas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ECS na perspectiva inclusiva teve como objetivo principal fazer com que os licenciandos observassem cada aluno da sala de aula e identificassem as dificuldades e potencialidades de cada indivíduo. Participaram da disciplina 17 estudantes, os quais deveriam realizar 100 horas de estágio curricular supervisionado em 8 escolas estaduais da cidade de Ribeirão Preto. Os

licenciandos foram auxiliados por uma Educadora Bolsista do Programa de Formação de Professores da USP, que favoreceu a comunicação com os professores de ensino médio e nas supervisões de estágio.

Para concluir a disciplina os licenciandos produziram um relatório com todas as observações, atividades ministradas e conclusões sobre o estágio. Este relatório foi utilizado como material de análise para esse trabalho. A primeira informação coletada foi a caracterização dos alunos de inclusão, dentro de cada realidade escolar, os estagiários realizaram regências em salas de aula com alunos cegos e com baixa visão, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA).

As maiores dificuldades relatadas nas considerações finais dos relatórios foram: pensar no processo de inclusão, planejar uma aula pensando em uma turma heterogênea, desenvolver a aula com pouca infraestrutura e apoio ao aluno de inclusão e pensar em recursos didáticos.

Essas dificuldades foram identificadas a partir de falas como: *"Encontrei sim um pouco de dificuldade em achar uma maneira de integrar toda a sala" (Licenciando 9)* e *"foi possível perceber o grau de dificuldade que existe na elaboração de um plano de aula que possa, na prática, atender às diferenças pessoais entre todos os alunos de uma determinada turma." (Licenciando 3).*

Em alguns relatórios identificamos que os licenciandos adquiriram uma nova percepção sobre o processo de inclusão, onde ressaltam que: *"foi possível pensar que diferentemente do que se propaga, estes alunos são capazes também de aprender" (Licenciando 2)* e *"[...] eu precisei me reinventar, sair da minha caixinha, e olhar as dificuldades dos outros" (Licenciando 10).*

Foi relatado, também, que mudaram suas visões sobre a habitual adaptação de materiais, para um planejamento completo pensando na sala de aula como um todo. Isto foi evidenciado nas seguintes falas: *"[...] não apenas temos que pensar no recurso adaptável, mas também na estratégia em que vamos encaixar esse recurso" (Licenciando 10)* e *"O maior desafio foi na adaptação e melhoria do recurso, [...] nem sempre a primeira produção é a*

mais adequada, necessitando de alguns ajustes" (Licenciando 7). Segundo Gomes et al. (2007):

> Modificar essas práticas discriminatórias é um verdadeiro desafio, que implica em investigações na forma de o professor e o aluno avaliarem o processo de ensino e aprendizagem. Elas exigem a negação do caráter padronizador da aprendizagem e eliminam todas as demais características das escolas comuns, que adotam propostas pedagógicas conservadoras. (p. 18).

O estágio na perspectiva inclusiva também refinou o olhar dos estagiários em relação a abordagem da inclusão nas escolas: *"É difícil encontrar uma escola que esteja preparada, de fato, para receber alunos com necessidades especiais em Ribeirão Preto" (Licenciando 5)*; *"Na realidade, o que aparenta é que os professores estão sozinhos nessa luta, sem apoio financeiro ou profissional" (Licenciando 4).*

As percepções dos estagiários sobre inclusão nas escolas foram discutidas em termos das barreiras físicas, políticas, didáticas, atitudinais, etc (MELERO, 2008). Em todo o processo da disciplina, tanto durante os debates em aula, quanto nas supervisões do estágio, os licenciandos puderam discutir com os colegas situações positivas e negativas vivenciadas no estágio, as quais foram descritas posteriormente no relatório. Assim como, formarem suas opiniões sobre o processo de inclusão nas escolas, depois de experimentá-lo como professor.

CONSIDERAÇÕES

As disciplinas de estágio devem propiciar ao licenciando uma experiência significativa nas escolas. O estágio com perspectiva inclusiva colaborou para que os licenciandos em química pudessem estar mais preparados para lidar com a diversidade em sala de aula. Os licenciandos reconheceram que cada aluno, independente de um laudo médico, possui um processo diferente de aprendizagem, percebendo que a educação inclusiva se dá na convivência dos alunos. Adaptar materiais pensando na dificuldade do

aluno de inclusão é importante, mas estratégias que considerem a sala como uma comunidade de aprendizagem é mais efetiva.

A falta de infraestrutura e o déficit na formação inicial docente são barreiras que dificultam o processo de ensino-aprendizagem em todos os âmbitos e não somente para os alunos com alguma deficiência. Dessa forma a disciplina descrita mostrou-se extremamente importante, agregando para os licenciandos experiências, instrumentos e um olhar diferenciado em relação à inclusão.

Agradecimentos

A Pró-Reitoria de Graduação da USP pelas bolsas concedidas e também a Cintya Mendes Moraes, que atuou como Educadora na disciplina relatada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. INEP. Ministério da Educação. **Censo escolar da Educação Básica 2016**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em jun. de 2021.

FAVACHO, D. G. A; CUNHA, F. D. C. M.; ANDRADE, J. J. Formação continuada e inclusão na escola regular: pontos de vista a partir do diálogo com professores. *In*: FAVACHO, D. G. A.; ANDRADE, J. J. (orgs). **MAIS QUE ESPECIAL**: por um ensino de ciências inclusivo e transformador. Ribeirão Preto: Edição dos autores, 2020. p. 93-102.

GOMES, A.; FERNANDES, A.; BATISTA, C.; SALUSTIANO, D; MANTOAN, M. T.; FIGUEIREDO, R. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado Deficiência Mental**. Secretaria de Educação Especial. 2007.

MELERO, M. L. Es posiblecontruir uma escuelasinexclusiones? **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v, 14 n. 1, p. 3-20, 2008. Disponível em: <http//www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em: 29 jun. 2011.

VILELA-RIBEIRO, E. B. e BENITE, A. M. C. A educação inclusiva na percepção dos professores de química. **Ciênc. educ.** (Bauru) [online]. 2010, vol.16, n.3, p. 585-594. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/pf3LShhPBRJRbgtyLp3XxSC/abstract/?lang=pt>. Acesso em jun. de 2021.